

# UMA FRANCESA NO TRONO SUECO

EUGENIA DÉsirÉE FROTA\*

**Resumo:** Conhecer a vida da cidadã francesa Bernadine Eugénie Désirée Clary, filha de um comerciante de sedas de Marselha, é uma forma agradável de entender os meandros da Revolução Francesa, do período napoleônico e da instalação da dinastia mais jovem da Europa, a dos Bernadotte na Suécia. Inaugurada por ela e por seu marido, o general de Napoleão, Charles Jean-Baptiste Bernadotte, é a dinastia reinante até os nossos dias.

**Palavras-chave:** História; Revolução Francesa; Período Napoleônico; Dinastia Sueca.

***Abstract:** A french woman in the swedish throne. Know the life of a French citizen Bernadine Eugénie Désirée Clary, daughter of a silk merchant from Marseille, is a pleasant way to understand the intricacies of the French Revolution, the Napoleonic period and the installation of the younger dynasty of Europe, Bernadotte of Sweden. Inaugurated by her and her husband, General Napoleon, Charles Jean-Baptiste Bernadotte is the reigning dynasty to the present day.*

***Key-words:** History; French Revolution; Napoleonic period; Sweden dynasty.*

---

\* Especialista em Cidadania pela Fundação Konrad Adenauer em convênio com a Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: <desireefrota@yahoo.com.br>.

## ***Introdução***

Conhecer a vida da cidadã francesa Bernadine Eugénie Désirée Clary, filha de um comerciante de sedas de Marselha, e sem nenhum parentesco com gente fidalga, é uma forma agradável de entender os meandros da Revolução Francesa, do período napoleônico e da instalação da dinastia mais jovem da Europa, a dos Bernadotte na Suécia. Inaugurada por ela e por seu marido, o general de Napoleão, Charles Jean-Baptiste Bernadotte, é a dinastia reinante até os nossos dias.

## ***Bernadine Eugénie Désirée Clary***

A romântica história da sua vida e ascensão, bem como os momentos históricos por ela vivido e testemunhado a tornam, indiscutivelmente um personagem singular.<sup>1</sup> Sua educação, como a de outras moças da burguesia, foi ministrada em conventos até que eles foram fechados por ordem do comando da revolução. A laicização do estado francês fez progressos significativos após 10 de agosto de 1792. Assim, a 18 de agosto, considerando que “um Estado verdadeiramente livre não pode admitir corporação alguma”, a Assembleia Legislativa suprimiu as congregações religiosas voltadas ao ensino e à assistência; os bens dos hospitais e dos hospícios, dos colégios e das Universidades foram postos à venda; o ensino e a assistência estavam laicizados.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> SELINKO, Annemarie. *Désirée*. 7. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Mérito, 1959.

<sup>2</sup> SOBOUL, Albert. *História da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

Desde cedo, a futura rainha da Suécia e da Noruega, a cidadã Désirée, vivenciou os postulados integrantes dos Direitos do Homem e do Cidadão, um dos motivos que dificultaram a sua adaptação na Suécia. Adotada desde 26 de agosto de 1789, a Declaração dos Direitos do Homem constituiu o catecismo da nova ordem. Sem dúvida, todo o pensamento dos Constituintes não se encontra ali; não se tratando expressamente da questão da liberdade econômica, que a burguesia considerava acima de tudo. O seu preâmbulo recorda a teoria do direito natural, e em seus dezessete artigos redigidos sem planificação, a Declaração precisa o essencial dos direitos do homem e da nação e tem e faz uma solicitude pelo universal guardando um caráter próprio.<sup>3</sup>

De forma paradoxal, o seu pai, François, já falecido e que tanto lhe ensinara a apreciar o valor desses direitos, aspirava ser, por questões de negócio, provedor da Casa Real. Para tanto, necessitava ascender ao cargo de provedor da Casa Real tendo entrado com um pedido de enobrecimento antes de sua morte e, achado o documento onde se registrara o pedido, o seu irmão Étienne, o chefe da família, foi detido em fins de março de 1874, por um equívoco. Quando da prisão de Étienne conheceu, na Casa Comunal, ao acompanhar a cunhada Susana nas gestões para saber do seu paradeiro, o

---

<sup>3</sup> SOBOUL, op. cit., 1974. Ultrapassa singularmente o caráter empírico das liberdades inglesas proclamadas no século XVII; quanto às declarações americanas da Guerra da Independência, reivindicavam o universalismo do direito natural, mas não sem restrições que limitavam singularmente o seu uso.

jovem corso José Bonaparte. José, secretário do comitê de Segurança Pública de Paris e assistente do representante do povo, Albitte, em sua viagem a Marselha lhe confidenciou a proteção de Robespierre.

Interessado em Marie-Julie, sua irmã, trouxe-lhe Napoleão, o seu irmão mais novo. Pouco mais tarde, Napoleão seria seu noivo. Sobre seu namoro com Désirée, ele escreveu um romance de ficção *Clisson et Eugénie*. São nove páginas de romance e fantasia, escritos como uma avaliação dos seus sentimentos por Eugénie, por ele descrita como bondosa, doce, terna com toda a sua natureza despida de afetação.<sup>4</sup> Ao longo dos anos, sua amizade por Napoleão e sua família continuaria incólume e ela não guardou rancores quando ele a trocou, pouco depois do noivado, por Josephine Tascher de La Pagerie, mais tarde imperatriz dos franceses. Letícia, a mãe de Bonaparte, desgostou-se profundamente pela escolha de Josefina, viúva do visconde Beauharnais, guilhotinado em 1794, mãe de dois filhos e mais velha seis anos do que ele.<sup>5</sup> Mas, Napoleão era um homem emotivo-ativo-secundário ou apaixonado, segundo a classificação caracterológica da personalidade do homem de Estado e tipologias da personalidade, e Josephine o fez conhecer “um amor violento, sobre a natureza do qual as cartas escritas durante a campanha da Itália não deixam qualquer dúvida

---

<sup>4</sup> MAUROIS, André. *Napoleão*. São Paulo: Globo, 2013.

<sup>5</sup> MAUROIS, op. cit., 2013. Era viúva de Carlo Bonaparte, que tinha sua origem na pequena nobreza italiana. Stendhal louva o seu caráter parcimonioso na pobreza e na riqueza como comparável às mulheres de Plutarco e às heroínas italianas da Renascença.

e dispensam citação.<sup>6</sup> Para Georges Lefebvre, é difícil acreditar que Bonaparte ignorasse a ligação dela com Barras e que a influência que conservava não lhe servia mais.”<sup>7</sup>

Como quer André Maurois,

[...] os grandes destinos são imprevisíveis. Quem poderia adivinhar em 1769 que uma criança corsa, recém-vinda ao mundo, criaria um império na França e distribuiria entre seus irmãos os tronos da Europa? Quem teria previsto que um jovem tenente recém-francês, tomar-se-ia em 1800 o senhor do país? Quem ousaria afirmar em 1810 que, cinco anos mais tarde, tão brilhante estrela se extinguiria? Quem teria imaginado que seis anos de exílio serviriam de pedestal à mais prodigiosa reputação póstuma do século?<sup>8</sup>

Ainda, quem poderia supor que o seu primeiro amor, uma jovem marselesa de belo dote, casada com um dos seus generais, seria um dia rainha e fundadora da dinastia ainda hoje reinante?

Désirée, como ela desejava ser chamada continuou amiga dos Bonaparte graças ao entrelaçamento das suas famílias, tendo Marie-Julie, sua irmã, mais tarde rainha de Nápoles e Espanha, casado com José, um dos irmãos de Napoleão.

---

<sup>6</sup> DUROSELLE, Jean-Baptiste; RENOUVIN, Pierre. *Introdução à história das Relações Internacionais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. A caracterologia ocupa um lugar à parte, no sentido de que deriva do esforço de psicólogos e de filósofos e no de que seu ponto de vista é diferente por completo. Nascida nos Países Baixos, desenvolvida na França, onde até mesmo existe uma revista, *La Cactéologie* não encontrou eco entre os norte-americanos, influenciados por Freud a levar em conta os fatores constitucionais do caráter. Embora o conhecimento do caráter não baste ao historiador os fatores inatos e os fatores adquiridos o interessam sobremaneira.

<sup>7</sup> SOBOUL, op. cit., 1974.

<sup>8</sup> Quando Napoleão nasceu a Córsega tomara-se francesa havia apenas um ano. Em 1768, os genoveses a haviam vendido para a França no reinado de Louis XV. MAUROIS, op. cit., 2013.

A sorte a procurava, contudo quando em 1818, com o falecimento do rei Carlos XIII da Suécia e pouco depois, de sua esposa, a Rainha Hedwige, Bernadotte foi proclamado Rei da Suécia e da Noruega, com o nome de Carlos XIV. Eugénie Désirée a jovem noiva esquecida, substituída por Josefina, seguiria a sua estrela, agora como Désirée Bernadotte, Rainha da Suécia e da Noruega. Bernadotte, o seu marido, Príncipe de Pontecorvo e marechal da França foi o único dos oficiais de Napoleão a atravessar a Revolução e o primeiro Império, alicerçando-se num trono europeu. Eleito “Kromprins” da Suécia, em 21 de agosto de 1810, fez-se necessário deixar a pátria rumo às novas obrigações que principiavam pela aprendizagem da língua, cultura e costumes da pátria adotiva. A “Kromprinzessen” Désirée e seu filho, Oscar, que recebeu o título de príncipe real da Suécia, receberam de Bernadotte as disposições para acompanhá-lo.

A fama de Bernadotte refletiu-se na excepcionalidade frenética da acolhida, mas as frias formalidades da corte sueca desagradaram a Désirée que nunca se despojara de uma simplicidade exemplar e de uma inteligência perspicaz que lhe fez entender a necessidade de resignar-se às necessidades dinásticas. Em nome de um interesse superior, foi, na prática, forçada a deixar nas mãos do seu marido a formação do filho único, Oscar, mais tarde Oscar I da Suécia. Désirée não foi, de início, bem acolhida na corte onde um dia seria rainha, uma atitude diversa da proporcionada ao marido. Sua sensibilidade percebia além das aparências e sentia o preconceito quanto às suas

origens burguesas, a dificuldade em aprender o sueco, a adaptação a uma alimentação diferente, a um clima rigoroso e a uma vida em tudo diversa daquela desfrutada em Paris.

Mesmo no século XIX, segundo Crouzet, ao lado da fortuna dos britânicos, o destino desta outra região setentrional parece medíocre.<sup>9</sup>

Com latitude média mais alta, com um solo bastante ingrato desprovido de carvão, figuras secundárias no palco europeu, desde o século XVIII a Dinamarca, a Suécia e a Noruega, que partilham as ilhas e penínsulas lançadas entre o Atlântico e o Báltico, não conseguiram reconstituir a antiga e efêmera União de Colmar. A península escandinava, provisoriamente unificada o foi contra a vontade dos noruegueses, em proveito da Suécia.<sup>10</sup>

Só mais tarde seriam quebradas, paulatinamente, as resistências tradicionalistas da Coroa, da nobreza encastelada e do clero luterano. Désirée era católica e não abdicou da sua fé religiosa como o fez Bernadotte, atendendo a uma exigência para assumir o trono sueco, convertendo-se ao luteranismo. Esse fato constituiu-se mais tarde num empecilho não superado para a sua coroação na Noruega.

Pode-se dizer que na sua chegada ao país convergiram para ela as tensões de um grupo que pretendia tornar-se uma casta, como se compreendesse que a ascensão da burguesia constituía um questionamento do poder da nobreza e seus costumes. Désirée decidindo pelo retorno à França deixou o filho de forma definitiva na Suécia para que,

---

<sup>9</sup> CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986, v. 13.

<sup>10</sup> CROUZET, op. cit., 1986.

mais tarde, se tornasse um rei consciente das suas obrigações monárquicas, estabelecendo a continuidade da linha sucessória.

A admiração dos suecos pelo Marechal Bernadotte nasceu das suas ações quando encarregado da operação contra os suecos, sendo que em 1809 suspendeu as hostilidades ante um golpe militar na Suécia. Ali, os generais Adlerspave e Adlercrentz depuseram ao rei Gustavo Adolfo IV, em razão do seu exagerado belicismo, o qual provocou as perdas da Pomerânia e da Finlândia. Obcecado por aventuras guerreiras sonhava devolver à Suécia a hegemonia perdida em Poltane, no século XVI. Sua admiração pela epopeia de Carlos XII o fazia sonhar em rivalizar suas sonhadas conquistas às de Napoleão. Aprisionado, abdicou da coroa, rumando para o exílio com a sua família. A necessidade de um regente fez recair a escolha sobre o seu tio, o duque de Sodermanland (1748-1818), proclamado rei com o nome de Carlos XII. O problema sucessório alçou-se em importância e tornou-se uma prioritária questão de estado, pois o rei não tinha filhos de seu casamento com Hedwig Carlos de Holstein – Gohorp, além de que, o seu irmão Frederico Adolfo, duque de Ostergotland (1750-1805), faleceu solteiro e sem filhos. A princesa restante, Sofia Albertina era também solteira e sem descendência. Assim, por iniciativa do próprio rei Carlos XIII, a solução do problema sucessório de um herdeiro da coroa foi resolvida com a adoção do duque Christian de Holstein – Sönderburo – Augustenburg, integrante da mesma dinastia.

Infelizmente, o sonho concretizado da adoção do príncipe herdeiro foi dissipado porque o duque tinha um grave problema de saúde. Na ocasião em que passava as tropas em revista, um ataque de epilepsia o acometeu, matando-o subitamente. Sua morte inexplicável para alguns, fez surgir rumores de envenenamento que terminaram por levar a uma vingança coletiva contra o conde Hans-Axel de Fersel considerado de forma injusta e errônea como autor da morte do duque. O episódio transformou-se num dos mais negros da história sueca.

As instigações ao ódio popular feito pelas classes de alta burguesia fermentaram o linchamento em pleno dia contra o conde Hans-Axel, então o mais importante dignitário da corte. O objetivo da burguesia era o de derrocar a nobreza e desmoralizar a mais poderosa e rica família do país. Na noite que antecedeu a sublevação, foram pagos subornos e efetuou-se uma farta distribuição de aguardente à população dentro do plano de desestabilizar a nobreza. O ataque hostil da multidão ao carro do conde de Fersen fez paralisar os soldados e superiores que de forma omissa e covarde fugiram espavoridos, deixando abandonados os seus postos. Por igual, a família do conde sofreu perseguição por toda Estocolmo necessitando intervenção da polícia e do exército. A avaliação da conduta do rei Carlos XIII pouco disposto a serenar os ânimos e a outorgar proteção à família Fersen, bem como, sua afirmação anterior ao crime quanto a “dar um susto” ao conde foi rotulada como calculada e indigna, desmitificando a lenda estabelecida por toda a Europa da conduta civilizada e da

educação sueca. Não é impossível que o conhecimento desses feitos haja contribuído também para o recuo de Désirée em permanecer na protocolar e fria corte sueca. Após os dois funerais, Carlos XIII resolveu propor a adoção do Marechal Bernadotte, figura pela qual tinha simpatia e respeito dado ao seu cavalheirismo para com os prisioneiros suecos em Lübeck. Por proposta real, os Estados Gerais votaram em agosto de 1818 a favor de sua candidatura. Validada a vontade real o desejo do povo sueco foi comunicado a Bernadotte por meio da embaixada sueca em Paris.

A coroa real da Suécia caiu, por assim dizer, como num golpe de sorte, nas mãos de Bernadotte e Désirée. Suas qualidades, tanto no que se refere a Bernadotte como a Désirée demonstrariam, mais tarde, o acerto da escolha de Carlos XIII. A notícia da designação unânime do seu marido para Kronprins al Sverige, em agosto de 1810 a confundiu e mesmo a entristeceu. O trono sueco iria lhe impor mudanças que não a interessavam, como efetuar uma troca entre a sua amada Paris, com um clima ameno e agradável, se comparado ao da gelada Estocolmo. As obrigações reais não seduziam a princesa de Pontecorvo, título que aceitou com naturalidade sem com ele impressionar-se. De certa forma, causou-lhe surpresa a aquiescência de Napoleão a ascensão do casal ao trono sueco. Sem dúvida, compreendeu o que essa boa nova significava para ele e para os interesses franceses, no tabuleiro de xadrez montado para o jogo europeu de política e poder. Os Bernadotte não desconheciam

que poderiam ser manipulados por Napoleão, notadamente no concernente aos atos de sua política externa com relação aos ingleses.

O seu retorno à França não pode, entretanto, ser entendido como tendo significado um abandono de suas novas perspectivas. Na Suécia, ela se sentiu potencialmente excluída e desnecessária. De alguma forma, serviu aos interesses suecos. Mesmo que não direcionados estritamente a esse fim, suas cartas ao marido continham informações preciosas sobre todos os acontecimentos franceses, de fontes fidedignas e de absoluta primeira mão. Embora, de certo modo, permanecesse na França de forma não oficial, dada a sua nova situação de princesa da Suécia, algumas vezes visitava a corte de Napoleão I. Mesmo voltada ao serviço do bem-estar dos familiares sabia de todos os acontecimentos parisienses em função da sua proximidade com os membros da família Bonaparte e das suas poucas visitas à corte francesa.

Essas visitas de caráter social a encantavam; ela percorria os salões e eventos culturais com a presença de filósofos e ao acompanhamento de conversações, tanto políticas como diplomáticas, embora esses assuntos não fossem, de modo nenhum, o centro maior dos seus interesses. Embora lhe faltasse à experiência de gerir uma corte, nela se portava com naturalidade, pois a sua graça e encanto natural conquistava as pessoas para si. Désirée aprendera com a observação dos salões desde que se instalara em Paris ao mundo coquete dos atavios da moda, cremes, rouges e sabões. O creme “orvalho dos lírios”, popularizado por Madame Du Barry,

as transparências da musselina em detrimento do brocado e a prescrição do uso de sabonetes que “devem ser raiados e perfumados para terem o hábito de passar pelas faces de nossas elegantes.”<sup>11</sup>

Na aprendizagem da moda, pontificavam os rouges de várias texturas e cores identificando o grau de elegância e conhecimento da última moda: “Mostra-me que rouge usas e te direi quem és.”<sup>12</sup> Ao que parece, Désirée, segundo a corte sueca, era uma parisiense da cabeça aos pés e aspirava tirar o máximo proveito pessoal da vida social que a atraía, deixando os ganhos, os triunfos e as honras ao marido. Ao informar-lhe sobre as novidades da França não o fazia por questão de vaidade, mas porque pretendia manter-se o mais próxima possível dos seus interesses, acentuando o caráter de compartilhamento familiar.

O intercâmbio de cartas entre eles deixava claro a Désirée como Bernadotte a considerava, mas lhe dava ainda contas da sua perfeita adaptação à corte sueca. A disciplina militar a qual era afeito o fez aceitar, de modo imediato, os valores reinantes de pontualidade, respeito às normas, obediência à etiqueta e às formas de cortesia reinantes na corte. Como filho adotivo foi rodeado de carinho real próprio de um pai que nunca tivera os seus próprios filhos.

Guiando com amor e entusiasmo na aprendizagem da história, da língua e dos costumes, Carlos III terminou por ganhar-lhe

---

<sup>11</sup> BRAUDEL, Fernand. *As estruturas do cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>12</sup> BRAUDEL, op. cit., 1995.

o coração e a mente. Como se filho autêntico fosse, recebeu do Rei e pai adotivo o comando no exército, assento permanente no Conselho de Ministros ao lado dele e, por fim, requisitaram-lhe abjurar o catolicismo adotando o luteranismo. O príncipe herdeiro Carl Johan Bernadotte não os decepcionou mesmo quando os interesses da nova pátria entraram em conflito com os da França, o seu país natal.

Nas questões de guerra, logo de início a Suécia cedeu aos intentos de Napoleão declarando guerra aos ingleses em 1812, embora quando da formidável coalizão que se ergueu contra ele tenha se afastado dessa aliança de 1812 com os franceses, ligando-se a outra, com o imperador Alexandre I da Rússia. Com o bombardeio de Estocolmo, Bernadotte manifestou-se contrário aos interesses napoleônicos, entrando definitivamente na coligação europeia em 1813.

Com os seus serviços baseados no perfeito conhecimento das táticas de Napoleão, Bernadotte foi interpretado, por alguns estudiosos, como tendo cometido um ato de traição aos franceses. Como soldado era fruto das orientações do Comitê de Salvação Pública que precisou a doutrina de estratégia em alguns dispositivos entre fevereiro e agosto de 1794; nelas, elementos como “Rapidez de movimentos, energia no ataque, encarniçamento no campo de batalha constituíam mais que a habilidade das manobras, as razões do sucesso.”<sup>13</sup> A vitória obtida por Bernadotte frente às tropas do Marechal Oudinot na batalha de Gross-Beeren, em 23 de agosto de 1813, foi

---

<sup>13</sup> CROUZET, op. cit., 1986, p. 402.

a sua primeira vitória e a mais surpreendente para Napoleão. Seguiram-se as batalhas de Dennewitz contra o Marechal Ney, em 2 de setembro de 1813, e a de Leipzig, de 16 a 19 de outubro de 1813.

Para a tristeza francesa, na campanha da França em 1814, Bernadotte comandou o Exército do Norte invadindo a sua pátria original, atravessando a Holanda e a Bélgica. Embora alguns analistas interpretem como não determinante o papel de Bernadotte na guerra, a sua contribuição foi decisiva na derrota do Exército imperial francês. Certamente pode ser considerado um ingrato como dele disse Napoleão, mas recusou-se a perseguir o exército derrotado e já em plena retirada, bem como não participou da coalizão contra ele em 1815.

A presença de Désirée em Paris procurou ser, nesses momentos delicados, a mais discreta possível. Acumulava a figura de quase membro da família de Napoleão, por ser irmã de Julie, esposa de José, irmão do imperador e o de uma princesa francesa de um país estrangeiro no solo do seu país. Alguns poucos grupos políticos chegaram a cogitar sobre a possibilidade de Bernadotte tornar-se rei da França após a derrota de Napoleão. Os fatos demonstraram a inconsistência da ideia quando Bernadotte obteve para a Suécia o reino da Noruega em detrimento da Dinamarca, em 14 de janeiro de 1814, como recompensa pelas suas ações de engenhosidade militar. Até então, a Noruega era uma possessão da Dinamarca e aliada aos franceses.

A Paris amada de Désirée Clary tornava-se a cada dia mais difícil para ela, mas não queria deixá-la. As acusações de traição à pátria feitas a Bernadotte continuavam a flutuar no ar. Em 1813, sua irmã Julie deixou de ser rainha da Espanha terminando com a possibilidade de visitas à casa da irmã, mesmo sob a proteção do pavilhão sueco. O retrocesso do exército de Napoleão, recuando em todas as frentes, a abdicação de José à coroa espanhola, a libertação do rei Fernando VII, até então prisioneiro no castelo de Valença e consequente devolução da fronteira franco-espanhola foram fatos que levaram sua irmã, cunhado e sobrinhos a uma delicada e frágil posição.

A figuração romântica do filme hollywoodiano “Désirée, o amor de Napoleão”, inspirado no livro de Anne Marie Selinko, romance bibliográfico de intensa pesquisa, mostra em uma de suas cenas Napoleão entregando-lhe a sua espada. Embora sendo uma ficção e ela não tenha recebido em Paris tratamento real, o foi pelo seu desejo mesmo de discrição, mantendo-se como incógnita e, ao final, permanecendo distante e quieta em seu castelo de La Gange, aspirando pelo término da guerra. Cansados, muitos dos marechais de Napoleão pediram o cessamento das hostilidades, enquanto no exército as deserções foram incontáveis. Para as potências integrantes da grande coligação formada pela Prússia, Rússia, Suécia e Grã-Bretanha e Áustria fazia-se necessária a renúncia completa de Napoleão. No gabinete vermelho do Palácio de Fontainebleau, Napoleão abdicou em favor de seu filho com Maria Luisa, a arquiduquesa da Áustria em 6 de abril de 1814.

Com a entrada dos exércitos estrangeiros em solo francês, Bernadotte reencontrou Désirée aliviando-a de dois anos de difícil e tensa espera pelo final das hostilidades. Os imprevistos de uma guerra, a intranquilidade dela oriunda, a morte e as doenças não foram ausentes do seu cotidiano. A ocupação de Paris com reis e imperadores triunfantes e uma sequência infinita de desfiles militares que precederam a restauração, encabeçada pela habilidade, a inegável inteligência e argúcia diplomática do príncipe Charles-Maurice de Talleyrand, Príncipe de Benevento y Viernes, chanceler do Império. O rei Bourbon Luis XVIII, instalado no castelo de Hartwell na Grã Bretanha foi convidado a regressar após vinte anos de exílio forçado assegurando que a França não mais se constituiria numa ameaça à Europa. O talento de Talleyrand refletiu-se numa atuação primorosa quando da passagem da derrota do império napoleônico para um regime autoritário e uma monarquia constitucional abençoada pelas potências europeias vitoriosas.

A aclamação do senado imperial ao rei Luis XVIII trouxe de volta a aristocracia exilada desde 1789 gerando uma tensão com os Bonapartistas. Désirée era um dos poucos rostos conhecidos na Corte, mas se dedicou principalmente à família que sofria com a queda de Napoleão, notadamente aos familiares de Julie e Étienne, bem como a própria família de Napoleão que muito a estimava. O período francês vivido e testemunhado por Désirée envolveu uma revolução sangrenta, uma república corrupta, um período consular

e um império que resultou em frangalhos. Deve lhe ter sido um refrigerio as ideias liberais de Luís XVIII, reinando de 1814-1824, o qual ofereceu aos franceses uma constituição e respeitou as conquistas sociais da revolução de 1789.

Com o retorno efêmero de Napoleão no governo dos cem dias findos com a batalha de Waterloo (18 de junho de 1815), a ausência da imperatriz Maria Luiza e do seu filho, o rei de Roma, ambos em Viena com a família dela, foi dificultado o reivindicar dos direitos constitucionais por ele invocados. O término de sua aventura impôs à França um duro revés, resultando numa ocupação militar de dois anos e a perda das conquistas territoriais efetuadas depois de 1792. O rei Luís XVIII e o ministro Talleyrand defenderam os interesses franceses no Congresso de Viena monitorando as perdas impostas.

Em todo esse período de tensão Désirée permaneceu na França mesmo quando Bernadotte regressou à Suécia como um vitorioso e Napoleão fugiu da ilha de Elba retornando à França. Ela não aceitou retornar a Estocolmo quando do exílio dos seus irmãos e cunhados desde 1814 e mesmo quando a imperatriz Josefina já havia falecido subitamente, espalhando-se boatos de um provável envenenamento.

Julgando-se ainda útil em Paris, o que não sentia em Estocolmo, bem empregou as suas atitudes pessoais de habilidade e ainda sua qualificação como conciliadora que lhe fez receber Napoleão quando de seu regresso a Paris no retorno de Elba. Ele representava para ela bons tempos de juventude e algumas doces recordações

como a de quando foi dama da imperatriz Josefina no ato de sua coroação junto a Napoleão, ou quando lhe emprestou dinheiro que guardara para que comprasse um uniforme novo, mas ele o usara para pagar as despesas de alojamento de Junot e Murat, mais tarde seus fiéis generais. Desfrutava da amizade de Fouché e Talleyrand tendo-os como bons ouvintes e amigos confidenciando a este último, sobre a tristeza das cortes quando nelas não se havia crescido.

As exigências de retorno como futura rainha da Suécia e da Noruega impuseram-se claras quando em 1818 o Rei Carlos XIII da Suécia faleceu seguido pela rainha Hedwig e logo em seguida Bernadotte foi proclamado rei da Suécia e da Noruega com o nome de Carlos XIV. Não restavam mais escusas para a permanência de Désirée em Paris. Já desde o tempo de namoradinha de Napoleão, seu pai havia falecido e sua mãe morrera em 1813. Além deles, só restava sua irmã Julie, ex-rainha de Nápoles e da Espanha, refugiada na Toscana onde faleceu em 1845.

A única presença forte familiar era a de sua irmã Rose sem nenhuma influência na nova França que se instalara nos Tulherias e, na qual, ela tinha acesso por causa do seu título sueco, pois a ex-família imperial estava dispersa e exilada. O filho Oscar já com dezenove anos era o novo kronprins da Suécia em 1818, necessitando estabelecer um enlace com uma princesa europeia para dar continuidade ao trono. Impunha-se a necessidade de acompanhá-lo nessa missão e, a seu pedido, sugeriu-lhe, como noiva, a neta de Josefina de Beauharnais, a princesa Josefina, que posteriormente a sucederia no trono.

No seu retorno à Suécia, em 1823, Désirée chegou a Estocolmo acolhida com entusiasmo entre os suecos e instalou-se no palácio real onde reencontrou Sofia Albertina, a última princesa sobrevivente da dinastia anterior num clima de harmonia. A princesa Sofia Albertina, com que Désirée não simpatizara quando estivera pela primeira vez na Suécia, era irmã dos reis Carlos XIII e Gustavo III e tia do destronado rei Gustavo Adolfo IV, então exilado com a família na Alemanha.

Após o seu retorno, Désirée foi investida de suas obrigações como soberana e coroada a seu próprio pedido e, em seguida, Bernadotte anunciou ao país o casamento do seu filho Oscar com Josefina de Beauharnais – Leuchtemberg (1807-1876), filha do príncipe Eugenio de Beauharnais e da princesa Augusta Amélia da Baviera, duques de Leuchtemberg (1823). A jovem princesa era neta da Josefina, primeira mulher de Napoleão e imperatriz dos franceses e do rei Maximiliano da Baviera. Em 1826, Bernadotte e Désirée acolheram o seu primeiro neto, o futuro rei Carlos XV e em anos posteriores mais três netos e uma neta, Eugenia, em sua homenagem. Fixada na Suécia não deixou, porém de voltar a sua Paris inesquecível, frequentando lugares e amigos queridos da mocidade.

Com a morte de Bernadotte em 1844, Désirée resolveu retirar-se da corte pensando em deixar sua nora mais livre no exercício de suas novas funções; assim, em 1853, escolheu Karlskrona, uma localidade sueca do seu agrado para viver. Mas, os seus súditos não

endossaram a sua escolha requerendo a sua presença em Estocolmo. Para atendê-los, ela retornou ao palácio real, continuando a conviver com seus filhos e netos e deles recebendo sempre demonstrações de consideração e respeito. A morte do marido lhe fora dolorosa e coube a Désirée mais uma grande tristeza com outra nova perda, a de seu filho único Oscar. A sua dor foi apenas mitigada ao presenciar a continuidade de sua dinastia com a ascensão do seu neto primogênito como rei Carlos XV.

Não faltou aos descendentes de Bernadotte e Désirée o desejo de aproximar a Suécia dos grandes papéis. Com prazer,

[...] tanto o filho como os netos dos fundadores da dinastia teriam assumido de bom grado a direção de uma União Escandinava. Mas o escandinavismo, elaborado nos meios eruditos, não é senão uma fraca réplica do germanismo e do eslavismo. Criminalista notável, Oscar I preocupa-se, sobretudo com o equipamento ferroviário, com a reforma dos códigos e o combate ao alcoolismo.<sup>14</sup>

Com a morte do jovem rei Oscar, sobe ao trono o seu filho Carlos, que reinou com o nome de Carlos XV e efetuou as mais profundas mudanças na estrutura do trono sueco. Com ele

[...] a Suécia aristocrática cede decididamente o passo a uma Suécia liberal, dotada de um Parlamento moderno que suplanta os estados do Antigo Regime e se opõe as despesas militares. Estocolmo se embeleza e sobre esta Suécia industriosa de Ericsson e dos Nobel reina uma atmosfera de gravidade: a adoção da ferrovia e do telégrafo não suprime o gosto Staemning, por uma harmonia entre os seres e as coisas.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> CROUZET, op. cit., 1986, p. 402.

<sup>15</sup> CROUZET, op. cit., 1986, p. 402.

Continuando a dinastia Bernadotte, o rei Oscar II era também poeta e um grande leitor. Seu espírito moderno proporcionou avanços como o sufrágio universal e defrontou-se com o movimento nacionalista dos noruegueses de cunho democrático.

Sua última aparição pública, já aos 83 anos, foi em dezembro de 1860 no palácio real do teatro de Ópera de Estocolmo. Faleceu no dia seguinte em seu quarto no palácio real tendo cumprido as suas obrigações para com a família e para com o reino.

## ***Referências***

### *Bibliografia*

BRAUDEL, Fernand. *As estruturas do cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DUROSELLE, Jean-Baptiste; RENOUVIN, Pierre. *Introdução à história das Relações Internacionais*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

### *Fontes*

CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986, v. 13.

MAUROIS, André. *Napoleão*. São Paulo: Globo, 2013.

SELINKO, Annemarie. *Desirée*. 7. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Mérito, 1959.

SOBOUL, Albert. *História da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

**Recebido em 12 de maio de 2013; aprovado em 27 de novembro de 2013.**